

Seminário 2: AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. "A periodização do itinerário da historiografia contemporânea no 'longo século XX historiográfico': 1848...2005?". In: *A historiografia no século XX: história e historiadores entre 1848 e... 2005?*. São Paulo: Edusp, 2017, p. 41-73.

Fabício Goulart Moser
Márcio A. de Lima Jr.

Comentários das professoras:

O seminário está bem estruturado e escrito, trazendo os aspectos centrais do tema, objetivos e estrutura do capítulo a ser analisado. Destaca-se também a boa seleção de trechos do texto de Aguirre e sua relação precisa com a análise desenvolvida pela dupla. Com o no primeiro seminário, os comentários abaixo vão no sentido de aprofundar a discussão e destacar certos pontos importantes para o curso.

Em relação à biografia, achamos que ela destaca pontos importantes da trajetória do autor que poderiam ter sido mais explorados na sua relação com o texto. A formação em ciências sociais e o vínculo com a tradição marxista de Aguirre, orientam o seu ponto de vista, a construção de seu problema e a própria estruturação de seus argumentos em favor de uma periodização alongada da historiografia contemporânea, cujo marco inicial é o ano de publicação do “Manifesto do Partido Comunista” assinado por Karl Marx e Friederich Engels, 1848. Além da escolha do “Manifesto” como marco inicial, o vínculo com a perspectiva marxista também se faz notar na construção dos demais períodos a partir de uma ênfase maior no contexto econômico e político e na assertiva de que o projeto crítico do marxismo original é a base do fazer história contemporâneo – trata-se portanto de uma perspectiva de análise que explicita seu ponto de partida e seus pressupostos.

Em relação à longa duração, o autor utiliza o conceito estabelecendo uma periodização larga que defende a existência de um corte em relação à tradição historiográfica anterior, em 1848, e o desenvolvimento de debates que, se modificam o enfoque e os problemas, tem sempre relação com o projeto crítico do marxismo (essa a linha condutora que estrutura a longa duração em Aguirre). Essa é a forma mais usual de se pensar a longa duração, mas como nos explica o historiador José D’Assupção Barros,

não devemos confundir “longa duração” com “recorte extenso”. O recorte de Braudel em *O Mediterrâneo* – pelo menos o recorte deste trecho da História de que ele se vale para orquestrar polifonicamente as três durações distintas – é o reinado de Felipe II. Braudel não estudou nesta obra um “recorte temporal estendido”. Ele estudou um recorte tradicional, que cabe em uma ou duas

gerações e que coincide com a duração de um reinado, mas examinando através deste recorte a passagem do tempo em três ritmos diferentes (BARROS, 2006: 469).

Vale apontar que em sua análise, Aguirre mobiliza as três temporalidades, colocando acento, inclusive, na curta duração no momento de definição dos quatro períodos da historiografia analisados.

Por fim, gostaríamos comentar a crítica severa que o autor faz da história positivista e de autores como Leopold Von Ranke. Se de fato Ranke é comumente apontado como o “grande” nome da história positivista, alguns autores, como a historiadora italiana Sabina Loriga (2011), matizam esta crítica e nos ajudam a compreender a própria história da História de modo mais complexo (e, por que não, de maneira menos positivista...). Loriga aponta que se de fato a historiografia positivista tinha limitações – limitações estas apontadas por Aguirre, no sentido de uma cronologia única, de um sentido teleológico marcado, e de uma crença no progresso quase ingênua –, ela trouxe também contribuições para a disciplina que merecem ser destacados. Além do desenvolvimento de uma atitude científica em relação às fontes documentais (fundamental para o estatuto de ciência que a História buscava àquela altura – uma “disciplina científica que se afastava de um ensaísmo filosófico ou mesmo e um diletantismo memorialístico), para Loriga, a história positivista abrigou nomes cujas produções eram muito mais heterogêneas do que se costuma apontar. Nomes que trouxeram contribuições importantes para a reflexão sobre a escrita biográfica, por exemplo, e que mostram que a ruptura entre a história positivista, marxista e dos Annales não impediu que houvessem diálogos entre alguns autores e, nesse sentido, também aspectos de continuidade entre eles. Com isso, vemos a ênfase nas “permanências”, menos que nas “rupturas”, algo que a ideia de “longa duração” teria auxiliado os historiadores a se atentarem.

Referências

BARROS, José D’Assunção. História, espaço e tempo: interações necessárias. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, n. 35, p. 460-475, jul./dez. 2006.

LORIGA, Sabina. *O pequeno X: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011 (em especial cap. 1).